



LISBON TALK

6 Maio 2025

Instituto Universitário Militar
LISBOA



Paz e Segurança na Europa e no Mundo QUE PERSPETIVAS PARA O FUTURO?

Aquarela de Tenente-general Vítor Manuel Amaral Vieira

PARTICIPANTES
Daniela Ramos
Laura Lisboa
Sebastião Sabino
Tiago Marquês
Vitaliy Venislavskyy



Ao longo da última década, assistimos à deterioração das condições de paz e segurança no mundo, incluindo não apenas **guerras**, mas também fenómenos como o **extremismo**, a **radicalização** ou a **criminalidade violenta**. A fragmentação de poder e as tensões geopolíticas contribuem para esse agravamento dos conflitos, sobrepondo-se a questões de proteção e de segurança humana. **Os conflitos violentos são a principal causa de deslocamento forçado e de crises humanitárias, muitas das quais persistentes e prolongadas.**

Na Europa, o projeto de integração europeia fundado na paz e prosperidade há quase 70 anos defronta-se com conflitos no espaço europeu e na sua vizinhança, suscitando interrogações sobre as perspetivas de paz duradoura e as alianças positivas e benéficas a nível internacional para a sua construção. Urge, assim, repensar as opções a seguir no âmbito do reforço do investimento em Segurança e Defesa, atendendo à prossecução da autonomia estratégica da União Europeia (UE) nestas áreas.

Neste contexto, o Clube de Lisboa organizou, em parceria com a Campanha tODxS, uma conversa entre jovens, em que foram debatidas as suas perspetivas sobre dimensões importantes que influenciam o futuro da Paz e Segurança, a nível nacional, europeu e mundial, nomeadamente:

- As perspetivas para uma **paz positiva e duradoura**, face ao cenário de divisão mundial e de **securitização e militarização crescentes**;
- As **prioridades da Europa** na resposta às crises e conflitos;
- Perspetivas, oportunidades e desafios no **recrutamento das Forças Armadas**;
- Os impactos da **conflitualidade e instabilidade internacional** na sociedade e nas suas vidas.

Participaram no debate:

LAURA LISBOA, doutoranda em Relações Internacionais na Sciences Po, Paris, trabalhou na NATO, em Bruxelas, e no Centro de Investigação do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa

DANIELA CUNHA RAMOS, licenciada em Relações Internacionais pela Universidade de Lisboa e pós-graduada em Diplomacia Corporativa pela mesma Universidade, é atualmente Policy Officer no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

TIAGO MARQUÊS, mestrando em Relações Internacionais na UAL – Universidade Autónoma de Lisboa e fundador da ToPeace Project;

VITALIY VENISLAVSKYY, mestre em História Militar na Universidade de Lisboa, é Presidente da Direção da EuroDefence Jovem e comentador de assuntos internacionais na SIC Notícias

SEBASTIÃO SABINO, membro da equipa do Clube de Lisboa, mestrando em Relações Internacionais no ISCSP – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e ex-oficial na Força Aérea Portuguesa.



Da esquerda para a direita, os oradores
Sebastião Sabino, Laura Lisboa,
Tiago Marquês, Daniela Cunha Ramos
e Vitaliy Venislavskyy

Na abordagem às perspetivas de paz no atual cenário global, os oradores concordaram que a ideia de paz duradoura, sobretudo na Europa, tem sido uma exceção histórica. A relativa estabilidade do pós-II Guerra Mundial deu lugar a uma fase de crescente incerteza, marcada pela erosão da confiança nas instituições internacionais, pela proliferação de conflitos regionais e por uma militarização crescente dos discursos e das políticas. A Europa, embora longe de alguns focos de conflito, deixou de estar imune às suas consequências e enfrenta hoje pressões externas e internas que testam os seus mecanismos de resposta.

A sessão contou com cerca de 50 participantes, que debateram as suas perspetivas sobre dimensões importantes que influenciam o futuro da Paz e Segurança, a nível nacional, europeu e mundial.



Laura Lisboa alertou para o que chama de “dimensões invisíveis” da segurança, como a energia, as comunicações ou a proteção de infraestruturas críticas, sublinhando que estas só se tornam visíveis quando são interrompidas por choques externos – como o recente apagão ou o ataque ao gasoduto Nord Stream. Na sua intervenção salientou a importância de pensar estrategicamente o investimento na defesa e de discutir publicamente as escolhas a fazer – quer em termos de tecnologias, quer de parcerias internacionais.

Vitaliy Venislavskyy adotou uma visão mais realista e crítica, centrando-se no enfraquecimento das instituições internacionais como fator de instabilidade. Referiu que, num mundo onde a confiança nas instituições se degrada, os mecanismos de mediação de crises perdem eficácia. Defendeu que a Europa tem falhado em antecipar conflitos e que a sua ação tem sido sobretudo reativa. Para enfrentar futuras ameaças, é essencial uma preparação sistemática da sociedade civil e uma estratégia de contenção baseada na dissuasão e na capacidade de antecipação.

Daniela Ramos sublinhou que *o conceito de segurança deve ser entendido numa lógica ampla, incluindo ameaças não convencionais como as alterações climáticas, a desinformação e a disrupção tecnológica*. Apontou também para a diversidade de perceções de ameaça dentro da União Europeia, o que dificulta consensos e estratégias comuns. Acrescentou que a perda de influência da UE em regiões como África resultou em desequilíbrios geopolíticos e em novas vulnerabilidades.

Tiago Marquês destacou a importância da preparação da sociedade para situações de crise, através de ações de formação e investimento em segurança civil. Alertou para a necessidade de garantir que a população sabe como agir perante desastres naturais, apagões ou emergências sanitárias, considerando que este tipo de investimento é essencial para complementar a dimensão de defesa.

No debate sobre o papel das Forças Armadas e os desafios do recrutamento, os participantes identificaram uma desconexão crescente entre os jovens e as instituições militares/de defesa. Nesse sentido, uma eventual discussão sobre a obrigatoriedade do serviço militar poderia ser extemporânea e dissociada da atual realidade social e das preocupações dos jovens em geral. Se na Polónia, um país que está geograficamente próximo de várias ameaças de segurança e da guerra na Ucrânia, uma sondagem recente revelou que a maioria dos jovens não estaria disponível para participar diretamente no esforço de defesa do seu país, em Portugal os resultados poderiam até ser mais expressivos.



Os oradores partilharam experiências e perspetivas com os oficiais do Curso de Estado-Maior Conjunto (CEMC), que também integra o Mestrado em Ciências Militares, Segurança e Defesa do Instituto Universitário Militar.

Laura Lisboa defendeu a criação de modelos que permitam a participação de civis na segurança nacional, através de sistemas de reserva ou de integração com a proteção civil e outros serviços. Acredita que *uma maior compreensão pública sobre o que fazem os militares e como funcionam os investimentos em defesa poderia gerar maior interesse e envolvimento por parte dos jovens.*

Daniela Ramos considerou que a atratividade da carreira militar está profundamente condicionada por fatores estruturais: baixos salários, falta de progressão, ausência de condições tecnológicas adequadas e escassez de oportunidades de mobilidade internacional. Referiu que os jovens têm hoje acesso a alternativas profissionais globais, com melhores perspetivas, o que dificulta a captação de talento para o Estado em geral, e para as forças armadas e de segurança em particular.

Vitaliy Venislavskyy defendeu que a carreira militar deve ser valorizada não apenas em remuneração, mas no estatuto e reconhecimento público. A conscrição, no seu entender, deve ser discutida com realismo, sabendo que a mobilização dependerá sempre do tipo de ameaça enfrentada e que a resposta a estas ameaças passa por recuperar a confiança nas instituições e investir na preparação dos cidadãos – não apenas dos militares.

Tiago Marquês reforçou a importância de aproximar as forças armadas da sociedade, através de ações continuadas de informação e debate público. Defendeu que **a população deve estar informada e capacitada para poder formar uma opinião crítica sobre os temas da defesa e da segurança**. Referiu também que há espaço para os jovens contribuírem, nomeadamente através da investigação e do desenvolvimento tecnológico aplicados ao setor da defesa.

Sebastião Sabino acrescentou que Portugal, por estar afastado dos focos de conflito, tende a ignorar os alertas que chegam de fora. Esta “sorte geográfica” pode tornar-se um obstáculo à preparação nacional, e a invisibilidade da ameaça pode levar à complacência política. Como ex-militar, partilhou a sua experiência concreta: os jovens desconhecem a realidade militar, e o contacto ocasional com a mesma – como por via do Dia da Defesa Nacional – é insuficiente para gerar envolvimento. O vínculo com os jovens deve ser realista, transparente e adaptado às novas expectativas de carreira e de vida para fazer face a um mundo civil cada vez mais competitivo.

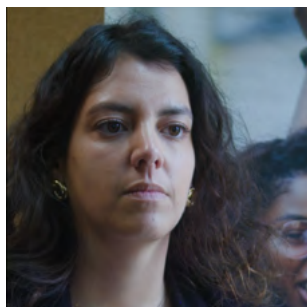
O debate terminou com uma reflexão sobre os impactos da conflitualidade internacional na vida quotidiana. Foi consensual que a instabilidade global tem repercussões diretas na perceção de segurança, no bem-estar social e na confiança nas instituições. A sociedade civil está hoje mais exposta a ameaças híbridas, como a desinformação e os ciberataques, e os Estados devem reforçar a resiliência interna não apenas com meios militares ou no setor da defesa, mas com preparação da população, coesão social e governação eficaz.

Assista
à sessão

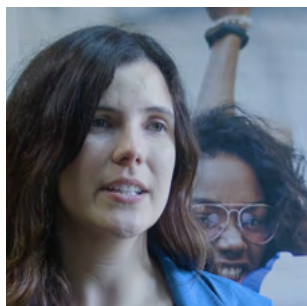


A conversa contribuiu para uma reflexão crítica e informada sobre os desafios globais da paz e segurança, numa perspetiva de cidadania global ativa e consciente.

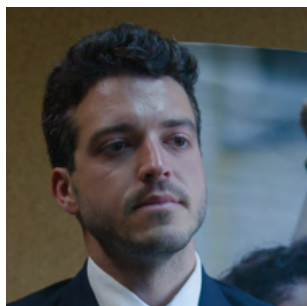




Daniela Cunha Ramos fala-nos sobre a resposta da União Europeia a crises e conflitos no mundo.



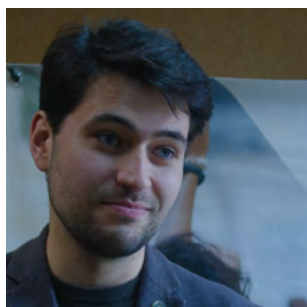
Laura Lisboa fala-nos sobre qual o papel da NATO para garantir a segurança na Europa, tendo em conta a incerteza no aliado norte-americano.



Sebastião Sabino fala-nos sobre a conflitualidade na Europa e sobre a atenção prioritária aos espaços geográficos mais próximos.



Tiago Marquês fala-nos sobre de que forma a guerra no espaço europeu pode estar a fazer esquecer as crises humanitárias noutras partes do globo.



Vitaliy Venislavskyy fala-nos sobre a impunidade em relação ao direito internacional, como no caso da invasão de Estados.

A Lisbon Talk decorreu no Instituto Universitário Militar (IUM) no dia 6 de maio de 2025.

O evento foi uma iniciativa conjunta do Clube de Lisboa com os seus parceiros IMVF – Instituto Marquês de Valle Flôr, FEC – Fundação Fé e Cooperação, PCS – Plataforma Crescimento Sustentável e Universidade Autónoma de Lisboa, no âmbito dos projetos “Desafios Globais para o Desenvolvimento” e “tODxS pela Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global”, ambos com cofinanciamento do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.

Organizador



Clube de Lisboa

FICHA TÉCNICA

Título

Lisbon Talk: Paz e Segurança na Europa e no Mundo – Que Perspetivas para o Futuro?

Data

Maio de 2025

Redação

Sebastião Sabino

Coordenação e edição

Patrícia Magalhães Ferreira

Design e paginação

Rita Romeiras

Copyright © Clube de Lisboa

www.clubelisboa.pt

Parceiros



Projetos



Cofinanciamento



Host Institution





Clube de Lisboa

O Clube de Lisboa é uma associação com membros individuais e coletivos que partilham a visão de Lisboa como cidade global e como espaço de reflexão, debate e intervenção sobre temas relevantes da agenda internacional, incluindo o desenvolvimento sustentável, a globalização e a segurança e com particular atenção aos desafios para o futuro e o papel de Portugal na Europa e no mundo.

[#clubedelisboa](#)
[#lisbontalks](#)



cl@clubelisboa.pt



www.clubelisboa.pt

SIGA-NOS!



[instagram.com/clubedelisboa](https://www.instagram.com/clubedelisboa)



[facebook.com/cluboflisbon](https://www.facebook.com/cluboflisbon)



x.com/clubedelisboa



[linkedin.com/company/clube-de-lisboa](https://www.linkedin.com/company/clube-de-lisboa)



[youtube.com/clubedelisboa](https://www.youtube.com/clubedelisboa)